

Argumento Modal-Epistêmico Complementado por Modelo Fuzzy para a Verdade da Interpretação Psicanalítica

Julia Feitoza Vasconcelos de Paula

Universidade Federal de Catalão – Catalão – Brasil

E-mail: juliafeitoza.vp@gmail.com

Tiago Ribeiro Nunes

Universidade Federal de Catalão – Catalão – Brasil

E-mail: tiago_nunes@ufcat.edu.br

(Accepted December 2024)

Resumo

O presente trabalho demonstra, através de um argumento modal-epistêmico, que o ceticismo forte de Freud (compreendido aqui nos seguintes termos: não é possível saber que a interpretação analítica é o caso & não é possível saber que a interpretação analítica não é o caso) em *Construções na Análise* é contraditório. Uma vez constatada esta contradição, propusemos um modelo *Fuzzy* como alternativa para avaliar o valor de verdade da interpretação psicanalítica. A metodologia utilizada seguiu uma perspectiva estruturada, começando com a revisão do conceito de interpretação, no texto *Construções na Análise* (Freud, 1937-1939). Em seguida, adaptamos a estrutura do argumento modal-epistêmico de Bertato (2023) ao ceticismo forte de Freud. Posteriormente, definimos nosso modelo *Fuzzy* para a força da interpretação bem como suas respectivas variáveis de entrada (reação do paciente & o que se segue à interpretação) e a variável de saída (força de interpretação). Por fim, apresentamos três simulações para validação do nosso modelo. Acreditamos que este trabalho oferece uma importante revisão do conceito freudiano de interpretação, contribuindo assim para o progresso do conhecimento psicanalítico.

Palavras-chave: Interpretação psicanalítica; Lógica Fuzzy; Ceticismo.

[MODAL-EPISTEMIC ARGUMENT COMPLEMENTED BY FUZZY MODEL FOR THE TRUTH OF PSYCHOANALYTIC INTERPRETATION]

Abstract

This paper demonstrates, through a modal-epistemic argument, that Freud's strong skepticism (understood here in the following terms: it is not possible to know that the analytical interpretation is the case & it is not possible to know that the analytical interpretation is not the case) in "Constructions in Analysis" is contradictory. Once this contradiction is established, we propose a Fuzzy model as an alternative to evaluate the

truth value of psychoanalytic interpretation. The methodology followed a structured perspective, beginning with a review of the concept of interpretation in “Constructions in Analysis” (Freud, 1937-1939). We then adapted Bertato’s (2023) modal-epistemic argument structure to Freud’s strong skepticism. Subsequently, we defined our Fuzzy model for the strength of interpretation along with its respective input variables (patient’s reaction & what follows the interpretation) and the output variable (interpretation strength). Finally, we presented three simulations to validate our model. We believe that this work offers an important revision of the Freudian concept of interpretation, thus contributing to the advancement of knowledge in psychoanalysis.

Keywords: Psychoanalytic interpretation; Fuzzy logic; Skepticism.

Introdução

A busca pelo conhecimento verdadeiro e não meramente opinativo sobre a realidade é um dos traços distintivos da filosofia. Os pré-socráticos, por exemplo, substituíram a explicação mítica por uma outra, centrada na existência de um princípio universal, a *arché*, compreendida enquanto a própria estrutura da realidade. O conhecimento verdadeiro é também, nesse contexto, um conhecimento racionalmente fundamentado.

Platão, por sua vez, buscou saber, não apenas o que poderia ser descrito como o princípio ordenador da realidade, senão aquilo que poderia ser definido sob o predicado de “ser um princípio”. O acréscimo proposto por ele ao conceito de conhecimento verdadeiro tem, em termos sintéticos, a seguinte estrutura: a *episteme* (ciência), opõe-se necessariamente à *doxa* (opinião). Enquanto a *doxa* (opinião) é particular e pode variar tanto quanto as pessoas variam entre si, a *episteme* (ciência) é, necessariamente, conhecimento verdadeiro, posto que resulta da aplicação da lógica a um raciocínio apresentado publicamente (intersubjetivamente) à comunidade de pares e, portanto, aberto à colaboração (refutação). A partir de Platão, portanto, o conhecimento verdadeiro não pode se apoiar apenas na mera impressão sensível (percepção) da realidade. Para que um conhecimento seja considerado *episteme*, ou seja, científico, é necessário que ele tenha uma estatura universal. Sendo assim, o conhecimento científico, ou apenas a ciência, deve ser lógica, pública e comunitária.

O pressuposto epistemológico que embasa esta atitude platônica é o seguinte: a estrutura da natureza é isomórfica à estrutura da racionalidade. Segue-se disso que é possível conhecer verdadeiramente a realidade através da racionalidade e também que é possível exprimir corretamente a realidade através de uma linguagem proposicional. Uma vez que toda proposição é ou verdadeira ou falsa, tudo o que se diz sobre a realidade pode ser definido como verdadeiro ou falso: será verdadeiro aquilo que se diz que é o caso e que realmente é o caso, ou aquilo que se diz que não é o caso e que de fato não é o caso, nada mais será verdadeiro.

Uma vez que é possível conhecer de modo verdadeiro, a questão passa a ser a própria definição sobre as etapas na construção desse conhecimento. Muito embora a ideia de que a ciência começa com a observação seja recorrente no senso comum, na verdade toda ciência começa com a correta formulação de problemas de pesquisa:

[...] a crença de que podemos começar pela pura observação apenas, sem nada que se pareça com uma teoria, é absurda [...]. A observação é sempre seletiva. Requer um objeto determinado, uma tarefa definida, um interesse, um ponto de vista, um problema. [...] (Popper, 2006).

De acordo com Popper, portanto, a atitude científica define-se, primeiro, como uma disposição genuinamente interessada de descobrir a verdade. A ciência, em termos estritos, não poderia surgir diretamente da observação senão que ela resultaria da estruturação preliminar de um problema para o qual um certo tipo de observação poderia fornecer as evidências necessárias para a construção do conhecimento. Ora, se é o caso que a formulação de um problema é condição necessária para chegarmos ao conhecimento científico, então tem de ser o caso que a ciência se ocupe de problemas cuja complexidade encontra-se em contínua expansão. Por esse motivo, o trabalho científico consiste, em termos bem sucintos, no diligente esforço de melhorar as explicações que já conhecemos através da propositura de explicações cada vez mais arriscadas e abrangentes (e, por isso mesmo, mais refutáveis).

A atitude preconizada por Popper parte de um pressuposto falibilista, *i.é.*, assume que o conhecimento humano é sempre imperfeito e, por isso mesmo, deve ser provisório: posto que deve ser reiteradamente revisado/criticado. Além disso, a revisão sistemática daquilo que conhecemos implica que a atitude propriamente científica está comprometida com o progresso, na medida em que o progresso aqui seria a principal consequência de aplicarmos a revisão ao conhecimento já reunido. O método do ensaio e erro, da conjectura e refutação, parece ser o melhor remédio para prevenir que uma teoria qualquer se degenere em dogma.

A disposição falibilista, portanto, implica a refutabilidade das teorias através de testes rigorosos:

[...] a Ciência não tem nada a ver com a procura de certeza, probabilidade ou fiabilidade. Nós não estamos interessados em estabelecer as teorias científicas como seguras, certas ou prováveis. Conscientes da nossa falibilidade, estamos apenas interessados em criticá-las e testá-las, na esperança de descobrir onde é que nos enganamos; de aprender com nossos erros; e, se tivermos sorte, avançar para teorias melhores. (Popper, 2006).

Ora, se o progresso é condição necessária para a Ciência, então a ciência avança à medida em que as teorias são falsificadas, eliminadas ou substituídas por outras (que também devem poder ser testadas e refutadas). Aquelas teorias que sobreviverem aos testes mais rigorosos, possuirão maior força epistêmica; aquelas que não resistirem à prova, devem ser melhoradas ou até mesmo abandonadas. Disso não se segue, porém, que as teorias que sobreviveram aos primeiros testes estejam cabalmente confirmadas: mas sim que o teste e a refutação devem seguir sendo aplicados continuamente para o aprimoramento do conhecimento (Popper, 2006).

Partindo da atitude falibilista reivindicada por Popper (2006), e tendo em vista que as últimas e mais importantes revisões conceituais interpostas ao arcabouço freudiano foram apresentadas por Jacques Lacan (1998), a presente pesquisa justifica-se por permitir a retomada do debate sobre a cientificidade da psicanálise. Além disso, pouca atenção vem sendo dada pelos comentadores de Freud e de Lacan à interpretação a partir do enfoque lógico-formal. Sendo assim, os objetivos do presente trabalho foram: (a) demonstrar que a posição epistêmica de Freud no texto *Construções na Análise* (1937-1939) conduz logicamente a uma contradição e, portanto, deve ser revisada; (b) apresentar um modelo *Fuzzy* como alternativa para avaliar o valor de verdade da interpretação psicanalítica.

Para tanto, propusemos um fluxo de trabalho dividido em 4 etapas: 1) construir um argumento modal epistêmico MEI1; 2) construir uma variação de MEI1; 3) reunir as

consequências lógicas de ME1 e ME2 e demonstrar que essa reunião implica contradição e 4) propor um sistema *Fuzzy* como alternativa para a contradição freudiana. Os textos selecionados para realização deste estudo foram: 1) *Construções na Análise*, de Freud; 2) *Modal-epistemic arguments for the existence of God based on the possibility of the omniscience and/or refutation of the strong agnosticism*, de Fábio Bertato.

Abordar a posição epistêmica de Freud em relação à interpretação psicanalítica nos permitirá propor um modelo alternativo para avaliar a interpretação analítica como fraca, mediana ou forte. Utilizaremos, para tanto, o arcabouço teórico-metodológico da Lógica *Fuzzy*, que tem se mostrado extremamente útil para a abordagem de fenômenos de ordem subjetiva e que, em razão disso, demandam modelos mais flexíveis do que aqueles booleanos. Jan Lukasiewicz, um de seus principais expoentes, propôs que o valor de verdade de uma proposição varia em um contínuo entre 0 e 1. A lógica *Fuzzy* ganhou ainda mais destaque com a publicação do texto "*Fuzzy Sets*" pelo matemático Lotfi Asker Zadeh em 1965, que retomou e expandiu a ideia de *fuzzyificação* (Marro et al., 2010). Essa lógica visa modelar aspectos subjetivos ou imprecisos, expressando a subjetividade em termos de graus de pertinência ou de verdade.

Assim, portanto, o problema do ceticismo contraditório de Freud foi o ponto de partida deste trabalho e a proposição de um modelo alternativo de avaliação da verdade da interpretação psicanalítica foi o seu fecho.

1. O contexto intelectual de Freud

O clima intelectual no qual Sigmund Freud estava imerso poderia ser caracterizado pelo entusiasmo com as conquistas das Ciências Naturais. A crise da metafísica ocidental estava em curso e, nesse contexto, as Ciências Naturais emergiram como uma alternativa promissora de acesso à verdade. As inovações tecnológicas - como o rádio, o telefone, a lâmpada elétrica - produzidas na segunda metade do século XIX, tiveram um papel fundamental no aumento da credibilidade no potencial do método científico. O avanço das Ciências Naturais representava, já naquele momento, o mesmo que a ampliação das possibilidades de domínio do homem sobre o mundo.

Foi nesse ambiente de entusiasmo pelas Ciências Naturais que Sigmund Freud desenvolveu a teoria psicanalítica. Em razão da influência recebida durante sua formação médica, Freud buscou nelas um modelo de racionalidade para a psicanálise. Em consonância com o paradigma científico vigente para as ciências naturais, Freud procurou assegurar à racionalidade psicanalítica uma fundamentação teórica mas também a demonstração empírica. Além disso, sua racionalidade pressupõe a consistência entre a teoria e os seus derivativos clínicos. Se as ciências naturais acessam o conhecimento de forma objetiva e verdadeira, então é da mesma forma que a teoria psicanalítica freudiana encontra sua fundamentação racional:

Enquanto a psicologia da consciência nunca foi além daquelas séries com lacunas, obviamente dependentes de outra coisa, a nova concepção - de que o psíquico é inconsciente em si - permite conformar a psicologia numa ciência natural como qualquer outra. Os processos de que ela se ocupa são, em si, tão incognoscíveis como os das demais ciências, a química ou a física, mas é possível constatar as leis a que obedecem, observar suas relações mútuas e dependências por largos trechos ininterruptamente, ou seja, aquilo que se denomina compreensão da esfera dos fenômenos naturais em questão (Freud, 1937-1939).

Ao final de sua carreira teórica, Freud reafirma sua intenção de conformar a psicanálise aos moldes das Ciências Naturais. O psicanalista vienense compara os processos psíquicos inconscientes como quaisquer outros processos da física ou química, por exemplo, pois é possível compreender as leis e as relações dos fenômenos de ambos os campos. Ressalte-se que ao afirmar que os processos dos quais a psicanálise se ocupa são tão incognoscíveis quanto os das demais ciências, Freud apenas ressalta a necessidade de reduzir a intrincada rede de relações a um modelo, sem o qual a complexidade da realidade seria incompreensível. Sendo assim, a psicanálise, através do seu modelo teórico, poderia descrever e explicar corretamente (assim como fazem a Fisiologia ou a Química, p.ex.) a complexa realidade do psiquismo.

Conforme assinala Freud, sobre a psique, é possível conhecer o órgão físico, o cérebro (sistema nervoso), e os atos da consciência. Porém, não era dada uma relação direta entre esses dois pontos principais: ou conhecemos a natureza do psíquico do ponto de vista orgânico ou a conhecemos do ponto de vista cognitivo, afirmava Freud (1937-1939).

Tendo em vista esse impasse, o modelo teórico freudiano tinha como finalidade oferecer explicações sobre os fenômenos psíquicos através do estabelecimento de uma ligação entre a fisiologia e a psicologia dos processos mentais. Freud postula que o aparelho psíquico, assim como um dispositivo tecnológico (o telescópio ou o microscópio, por exemplo), tem uma posição no espaço e uma dinâmica por meio da qual as partes interagem entre si (Freud, 1937-1939). Isto posto, Freud define três qualidades psíquicas que compõem o aparelho psíquico: o inconsciente, o pré-consciente e a consciência. O pensamento seria, portanto, regido primariamente por leis que escapam à vontade consciente do Eu (*Self*), ou seja, a sintaxe latente aos processos cognitivos seria inconsciente. Na sua primeira topologia do aparelho psíquico, Freud afirma que as ideias identificadas como contraditórias à consciência (1º tempo) são recalçadas/reprimidas e enviadas da consciência para o inconsciente (2º tempo); através de modificações ocorridas por meio de processos de condensação ou de deslocamento, as ideias inconscientes emergem na consciência de modo deformado.

2. Ceticismo *versus* otimismo epistemológico

Uma questão central desponta a essa altura: *é possível conhecer aquilo que Freud postulou como o inconsciente?* A resposta a essa pergunta pode ser encontrada no texto *Construções na análise* (1937-1939), no qual Freud toma Popper como seu interlocutor ficcional. Em termos sucintos, Freud afirma que *é possível conhecer o inconsciente, mas apenas de modo indireto: por meio da interpretação analítica ou das construções realizadas na análise*. Em Freud, ao passo que a *interpretação* é mais pontual, a *construção* possui um caráter mais abrangente. Isso porque a *interpretação* representa o que é feito com um único elemento do material relatado pelo paciente, por exemplo, um ato-falho ou um sonho comunicados ao analista. Por outro lado, fala-se em *construção* quando o analista comunica ao paciente um trecho mais completo do que foi reprimido: “interpretação diz respeito àquilo que se faz com um elemento do material (...). Trata-se de construção, porém, quando apresentamos ao analisando um pedaço de sua pré-história esquecida (...)” (Freud, 1937-1939, p. 333). Ressalte-se, porém, que em ambos os casos (frente à interpretação ou à construção comunicada pelo analista), na metodologia proposta por Freud, *é o paciente quem informa sua convicção sobre a veracidade daquilo que foi comunicado pelo analista*.

Após afirmar que a interpretação psicanalítica não seria refutável, como se espera que sejam as proposições com valor epistemológico, Freud (1937-1939)

argumenta que: 1) o conteúdo do inconsciente não pode ser perfeitamente recuperado através do esforço de rememoração; 2) a verdade da interpretação ou da construção analítica surge no paciente sob a forma de uma crença na correção daquilo que a interpretação ou a construção veiculam.

O ceticismo freudiano em relação à possibilidade de saber que uma interpretação é o caso fica explícita nos seguintes trechos, extraídos de *Construções na análise* (1937-1939): (a) “É correto que não aceitamos o ‘não’ de um paciente em seu pleno sentido, mas tampouco damos inteiro valor ao seu sim” (Freud, 1937-1939, p. 335); (b) “Este sim tem valor apenas quando é seguido de confirmações indiretas [...]” (idem) e (c) “O ‘não’ do analisando também possui mais de um sentido e é, na verdade, ainda menos aproveitável do que o ‘sim’” (idem). Ainda que a força epistêmica da construção analítica seja apenas psicológica, Freud mostrou-se bem menos cético em relação a ela do que em relação à interpretação. Essa atitude pode ser mais bem compreendida se tivermos em mente que, para ele (Freud, 1937-1939), a construção deveria ser apresentada ao paciente apenas como uma conjectura, sem qualquer reivindicação de concordância ou de discordância imediatas. Nos casos em que “(...) a análise foi corretamente conduzida, uma firme convicção da verdade da construção” (Freud, 1937-1939, p. 340) emergiria para o paciente como equivalente a uma lembrança reconquistada. Segue-se disso que o ceticismo freudiano relativo à construção é apenas parcial e se aplica aos casos em que, ao menos provisoriamente, não é possível saber que a construção feita na análise não é o caso.

O ceticismo freudiano em relação à interpretação analítica, por sua vez, é mais abrangente e, na medida em que ele pode ser definido enquanto um ceticismo forte, é dele que nos ocuparemos aqui. No escopo do presente trabalho, o ceticismo forte será assim expresso: *‘É impossível saber que a interpretação do analista é o caso, mas é também impossível saber que ela não é o caso’*.

Ora, sabe-se que aquilo que não pode ser formulado proposicionalmente, certamente não pode ser dito verdadeiro ou falso. Isso significa que todo conhecimento verdadeiro é necessariamente conhecimento de que uma determinada proposição é o caso, afinal, apenas as proposições que afirmam o que o mundo é ou aquilo que o mundo não é (e não o próprio mundo) podem ser ditas verdadeiras ou falsas. Além disso, chama a atenção a negligência freudiana à concepção tripartite da epistemologia clássica, consagrada no *Teeteto* de Platão, segundo a qual todo conhecimento deve satisfazer necessariamente, de modo suficiente e necessário, os seguintes critérios: 1) **critério psicológico**: um agente cognoscente sabe que α se, e somente se, ele acredita que α é o caso; 2) **critério verofuncional**: um agente cognoscente sabe que α se, e somente se, α é o caso; 3) **critério lógico**: um agente cognoscente sabe que α se, e somente se, α pode ser validamente justificado. É imperativo assinalar, entretanto, que a crença pessoal de um agente cognoscente para quem α é o caso jamais deveria ser adotada como critério para avaliar a veracidade de α , isso porque: (a) não se deve confundir o critério psicológico com o critério veritativo, afinal α é o caso se, e somente se, α for o caso; (b) se é o caso que α , este fato nada tem a ver com a crença de um agente cognoscente qualquer em α : *isso porque o mundo é tal como é, não como cremos que ele seja (ou como gostaríamos que ele fosse)*.

Sabe-se que, em 1963, Edmund L. Gettier (1963) apresentou a sua emblemática refutação à concepção tripartite da teoria do conhecimento que, aqui, resumimos nos seguintes termos: não é o caso que α é conhecido por um agente cognoscente se, e somente se, α for uma crença verdadeira justificada. Através de dois contra-exemplos, Gettier demonstrou que: (a) “[...] it is possible for a person to be justified in believing a

proposition that is in fact false¹” (Gettier, 1963, p. 121) e também que (b) “[...] *for any proposition P, if S is justified in believing P, and P entails Q, and S deduces Q from P and accepts Q as a result of this deduction, then S is justified in believing Q²*” (idem). Entretanto, por mais desafiadora que seja para a teoria do conhecimento clássica (evidenciando as insuficiências da teoria do conhecimento clássica), a refutação apresentada por Gettier não altera o fato de que a veracidade de α é condição necessária para que um agente cognoscente saiba que α .

Sendo assim, permanece correto dizer que um agente cognoscente sabe que α , se e somente se α for o caso: $K\theta\alpha \leftrightarrow \alpha$ (onde α é uma proposição e $K\theta\alpha$ denota um agente cognoscente θ que sabe que α). A cognoscibilidade de tudo aquilo que é o caso pode inclusive ser derivada como teorema em um sistema modal epistêmico T: $(\alpha \rightarrow \Diamond\alpha)$, adicionando-se a ele o axioma $K\Diamond$ (se é necessário que α implique β , então α sendo necessário implica que β é necessário: $\Box(\alpha \rightarrow \beta) \rightarrow (\Box\alpha \rightarrow \Box\beta)$), com a finalidade de restringir nosso sistema apenas às implicações materiais: $\Diamond(\alpha \rightarrow \beta) \rightarrow (\Diamond\alpha \rightarrow \Diamond\beta)$. Ou seja,

in a formal approach, it can be proved that, assuming a few modal and epistemic axioms, the possibility of an epistemic agent's omniscience implies that if a proposition a is the case, then it is knowable (in symbols: $\Diamond Ka$). This does not mean to assume a priori that there is an omniscient being θ , but only that omniscience is possible. The formula schema that expresses this attribute of omniscience is as follows:

$$(OS) a \rightarrow K_{\theta}a,$$

for every well-formed formula (wff) a, where $K_{\theta}a$ means that ‘agent θ knows that a’. (Bertato, 2023, p. 2)

3. A interpretação analítica: um modelo modal-epistêmico

Servindo-nos do argumento modal-epistêmico proposto por Fábio Bertato (2023), a seguir, com as devidas adaptações: 1) introduziremos o sistema modal MEI 1 (composto de premissas tacitamente assumidas por Freud em *Construções na análise*) a fim de provar, através de um argumento modal-epistêmico, que é possível saber que a

¹ Contraexemplo 1: (a) suponha que Smith esteja justificado em acreditar que Jones vencerá um concurso para professor no qual o próprio Smith também concorre (suponha que ele ouviu acidentalmente dos membros da banca que Jones será aprovado em primeiro lugar); (b) suponha ainda que Smith esteja justificado em acreditar que Jones tem dez moedas no bolso; (c) de (a) e (b) Smith pode inferir, validamente, que uma pessoa venceu o concurso e que essa pessoa tem dez moedas no bolso: i.é., $(Fa \wedge Ga) \vdash \exists x (Fx \wedge Gx)$, sendo $Fx =$ “x venceu o concurso para professor”; $Gx =$ “x tem dez moedas no bolso”; $a =$ “Smith” e $b =$ “Jones”. Muito embora esta afirmação existencial tenha sido validamente inferida, ela também seria válida caso Smith tivesse vencido o concurso e, sem que o soubesse, ele tivesse dez moedas no seu bolso: $(Fb \wedge Gb) \vdash \exists x (Fx \wedge Gx)$; $(Fa \wedge Ga) \vdash \exists x (Fx \wedge Gx)$. Segue-se disso que uma crença verdadeira justificada **não é, necessariamente**, conhecimento de algo (Gettier, 1963, p. 122).

² Contraexemplo 2: (a) S (Smith) está justificado a acreditar em P (Jones tem um Ford); (b) P implica Q (P implica que “- Ou Jones tem um Ford, ou Brown está em Barcelona.”); (c) S deduz Q (“- Ou Jones tem um Ford, ou Brown está em Barcelona.”) a partir de P; (d) S aceita Q como resultado dessa dedução. Portanto, a crença justificada em P implica a crença justificada em Q.

interpretação analítica é o caso e que, portanto, o ceticismo forte de Freud é contraditório; 2) introduziremos o sistema MEI 2, que permite demonstrar que se assumirmos que é impossível saber que a interpretação analítica é o caso, conclui-se que a interpretação analítica não é o caso.

Sistema Modal MEI 1

Fórmulas:

$K\theta\alpha :=$ 'o agente θ sabe que α '.

$K\alpha :=$ 'é sabido que α '.

$\Diamond\alpha :=$ 'é possível que α '.

$\Diamond K\alpha :=$ 'α é conheçível'.

$F :=$ 'A interpretação analítica é o caso'.

Axiomas:

A1. $\Diamond(\alpha \rightarrow K\theta\alpha)$

(A onisciência é possível.)

A2. $\Diamond K\theta\alpha \rightarrow \Diamond K\alpha$

(Se é possível que um agente θ saiba que α , então α é conheçível.)

A3. $\neg\Diamond K\neg F$

(É impossível saber que a interpretação analítica não é o caso.)

A4. $\Diamond(\alpha \rightarrow \beta) \rightarrow (\Diamond\alpha \rightarrow \Diamond\beta)^3$

(Se é possível que α implica β , então α sendo possível implica que β é possível.)

A5. $\alpha \rightarrow \Diamond\alpha$

(Se α é o caso, então é possível que α .)

Regras de inferência:

MP: $\alpha, \alpha \rightarrow \beta \vdash \beta$

CP: $\alpha \rightarrow \beta \vdash \neg\beta \rightarrow \neg\alpha$

DN: $\neg\neg\alpha \vdash \alpha$

SH: $(\alpha \rightarrow \beta) \wedge (\beta \rightarrow \gamma) \vdash \alpha \rightarrow \gamma$

T1. $\vdash$ MEI 1 F

(A interpretação analítica é o caso.)

Prova:

- | | | |
|----|--|---------------------------------|
| 1. | $\Diamond(\alpha \rightarrow K\theta\alpha)$ | : A1 |
| 2. | $\Diamond(\alpha \rightarrow \beta) \rightarrow (\Diamond\alpha \rightarrow \Diamond\beta)$ | : A4 |
| 3. | $\Diamond(\alpha \rightarrow K\theta\alpha) \rightarrow (\Diamond\alpha \rightarrow \Diamond K\theta\alpha)$ | : 2, Sub. $\beta/K\theta\alpha$ |
| 4. | $\Diamond\alpha \rightarrow \Diamond K\theta\alpha$ | : MP 1,3 |
| 5. | $\Diamond K\theta\alpha \rightarrow \Diamond K\alpha$ | : A2 |
| 6. | $\Diamond\alpha \rightarrow \Diamond K\alpha$ | : SH 4, 5 |
| 7. | $\alpha \rightarrow \Diamond\alpha$ | : A5 |

³ Apesar de A4 não ser uma fórmula válida nos sistemas modais normais, Bertato (2023) apresenta justificativas plausíveis para sua aceitação, ao menos do ponto de vista prudencial. Além disso, outros sistemas com versões menos exigentes deste axioma também são apresentados no mesmo texto, mantendo o resultado pretendido. Importa mencionar ainda que (a) a fórmula considerada no artigo versa sobre a existência de Deus, em crítica ao agnosticismo e que (b) o presente trabalho serve-se de sua estrutura.

- | | | |
|-----|---|----------------------------|
| 8. | $\alpha \rightarrow \Diamond K\alpha$ | : SH 6, 7 |
| 9. | $\neg \Diamond K\neg F$ | : A3 |
| 10. | $\neg \Diamond K\alpha \rightarrow \neg \alpha$ | : CP 8 |
| 11. | $\neg \Diamond K\neg F \rightarrow \neg \neg F$ | : 10, Sub. $\alpha/\neg F$ |
| 12. | $\neg \neg F$ | : MP 9, 11 |
| 13. | F | : DN 12 ■ |

Ao assumirmos, em MEI 1, que *é impossível saber que a interpretação analítica não é o caso*, obtemos como teorema que *a interpretação analítica é o caso*. Ou seja, em MEI 1, se é impossível saber que a interpretação não é o caso, então ela é o caso. As implicações práticas dessa disposição epistêmica podem ser desastrosas, afinal, o terapeuta para quem fosse impossível saber que a interpretação apresentada ao seu paciente não é o caso, terminaria compelido a concluir que ela tem de ser o caso. O ceticismo fraco, compreendido aqui como (Cf) *‘É impossível saber que a interpretação do analista não é o caso’*, estaria, portanto, na base de um viés epistêmico bastante inoportuno para a prática clínica.

O ceticismo freudiano presente em *Construções na análise* (Freud, 1937-1939), por sua vez, é mais abrangente e pode ser definido como um ceticismo forte (CF). Ali, o ceticismo forte de Freud pode encontrar-se assim definido: “É correto que não aceitamos o ‘não’ de um paciente em seu pleno sentido, mas tampouco damos inteiro valor ao seu sim” (Freud, 1937-1939, p. 335). Ou seja, com base na reação do paciente à interpretação analítica: (CF) *‘É impossível saber que a interpretação do analista é o caso mas é também impossível saber que ela não é o caso’*. O que pode ser denotado, na linguagem do MEI 1, do seguinte modo: (CF) $(\neg \Diamond KF) \wedge (\neg \Diamond K\neg F)$.

Ora, não seria absurdo considerar que um convicto adversário da psicanálise (tal como Popper, Skinner ou mesmo Beck) aceitaria, sem dificuldades, a seguinte proposição:

A3*. $\neg \Diamond KF$

(É impossível saber que a interpretação analítica é o caso.)

A prova para esta proposição pode ser obtida por meio do sistema MEI 2, modificando-se A3 por A3*. Em MEI 2, a negação de F é um teorema, conforme demonstrado a seguir:

T2. $\vdash$ MEF 2 $\neg F$

(A interpretação analítica não é o caso.)

Prova:

- | | | |
|-----|--|---------------------------------|
| 1. | $\Diamond(\alpha \rightarrow K\theta\alpha)$ | : A1 |
| 2. | $\Diamond(\alpha \rightarrow \beta) \rightarrow (\Diamond\alpha \rightarrow \Diamond\beta)$ | : A4 |
| 3. | $\Diamond(\alpha \rightarrow K\theta\alpha) \rightarrow (\Diamond\alpha \rightarrow \Diamond K\theta\alpha)$ | : 2, Sub. $\beta/K\theta\alpha$ |
| 4. | $\Diamond\alpha \rightarrow \Diamond K\theta\alpha$ | : MP 1,3 |
| 5. | $\Diamond K\theta\alpha \rightarrow \Diamond K\alpha$ | : A2 |
| 6. | $\Diamond\alpha \rightarrow \Diamond K\alpha$ | : SH 4, 5 |
| 7. | $\alpha \rightarrow \Diamond\alpha$ | : A5 |
| 8. | $\alpha \rightarrow \Diamond K\alpha$ | : SH 6, 7 |
| 9. | $\neg \Diamond KF$ | : A3* |
| 10. | $\neg \Diamond K\alpha \rightarrow \neg \alpha$ | : CP 8 |
| 11. | $\neg \Diamond K\neg F \rightarrow \neg F$ | : 10, Sub. $\alpha/\neg F$ |
| 12. | $\neg F$ | : MP 9, 11 ■ |

É fácil perceber que se assumirmos os axiomas de MEI 1 bem como a proposição de que não é possível saber que a interpretação analítica é o caso (A3*), teremos de concluir que a interpretação analítica não é o caso. O ceticismo forte de Freud (*‘É impossível saber que a interpretação do analista é o caso, mas é também impossível saber que ela não é o caso’*) é, portanto, flagrantemente contraditório. Esta contradição pode ser demonstrada através de um novo sistema (MEI +), obtido acrescentando-se A3* ao MEI 1: tendo em vista que o ceticismo forte é verdadeiro em MEI + $[(\neg \Diamond KF) \wedge (\neg \Diamond K \neg F)]$, se $F \wedge \neg F$ são teoremas de MEI +, então MEI + é inconsistente.

4. Fuzzy Freud: uma abordagem alternativa para o problema da verdade da interpretação

Diferentemente dos sistemas booleanos, que avaliam as proposições como ou verdadeiras (1 = *True*) ou falsas (0 = *False*), os sistemas *Fuzzy* avaliam as proposições através de diferentes graus de pertinência entre 0 e 1. Proposta nos anos de 1960, a Lógica *Fuzzy* pretende capturar certas nuances da linguagem natural que se perderiam no contexto dos sistemas booleanos. Tendo em vista que o problema da verdade da interpretação analítica exige uma abordagem mais flexível do que aquela que pode ser oferecida por sistemas booleanos, propomos aqui uma avaliação da interpretação não meramente como verdadeira ou falsa, mas através de diferentes graus de pertinência. A função de pertinência representa o grau de adequação de cada variável linguística às classes presentes no sistema. Assim, p.ex., a variável linguística “reação do paciente” à interpretação do analista poderá assumir, em um intervalo de 1 a 5, os seguintes termos: “discorda totalmente”, “discorda em quase tudo”, “incerteza”, “concorda em quase tudo”, “concorda totalmente”.

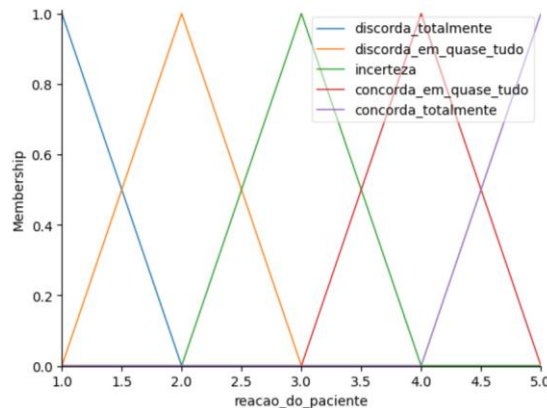


Figura 1. Conjuntos Fuzzy para a “reação do paciente”.

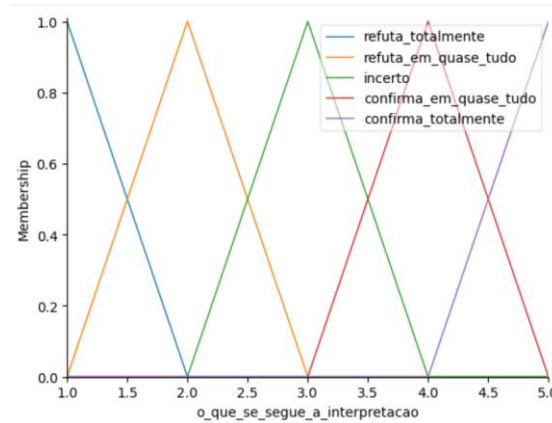


Figura 2. Conjuntos Fuzzy para “o que se segue à interpretação”.

Sabe-se que a técnica preconizada por Freud em Construções na análise (Freud, 1937-1939) assumia a importância de avaliar a reação do paciente à interpretação (*i.é.*, sua concordância ou discordância em relação ao conteúdo da interpretação) conjuntamente com as associações que se seguem para o paciente à interpretação (*i.é.*, se as impressões causadas nele pela interpretação levavam a associações que confirmavam a interpretação ou a rejeitavam). Sendo assim, a “reação do paciente” (*i.é.*, sua discordância ou concordância) e “o que se segue à interpretação” (*i.é.*, se as associações seguintes refutam ou confirmam a interpretação) foram os critérios adotados para o nosso sistema Fuzzy.

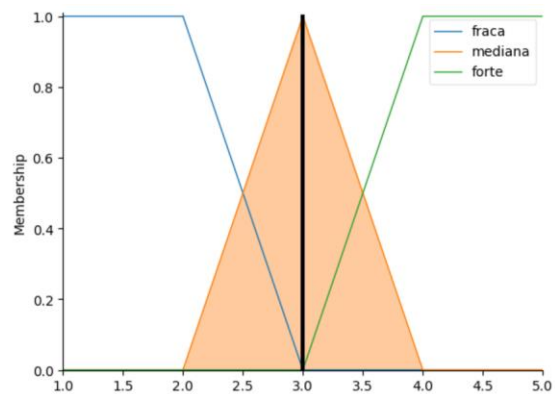
Uma vez definidos os critérios, apresentaremos, a seguir, um conjunto de simulações hipotéticas para avaliar a força da interpretação ou, mais precisamente, seu grau de verdade. Para tanto, adotamos um conjunto de dezesseis regras de inferência Fuzzy através das quais são avaliadas as combinações entre a “reação do paciente” e “aquilo que se seguiu a cada interpretação”. Em consonância com a intuição freudiana presente em Construções na análise (Freud, 1937-1939), o peso adotado aqui para a “reação do paciente” é menor do que o peso para “o que se segue à interpretação”.

#	Regras de inferência Fuzzy Freud
1	Se o paciente discorda totalmente OR discorda em quase tudo AND o que se segue confirma em quase tudo OR confirma totalmente, então a verdade é forte
2	Se o paciente concorda totalmente AND o que se segue confirma totalmente OR o que se segue confirma parcialmente, então a verdade é forte
3	Se o paciente talvez concorde AND o que se segue confirma totalmente, então a verdade é forte
4	Se o paciente discorda totalmente OR discorda em quase tudo AND o que se segue refuta totalmente OR refuta em quase tudo, então a verdade é fraca
5	Se o paciente concorda totalmente AND o que se segue refuta totalmente, então a verdade é fraca
6	Se o paciente talvez concorde AND o que se segue refuta totalmente, então a verdade é fraca
7	Se o paciente talvez concorde AND o que se segue confirma parcialmente, então a verdade é mediana
8	Se o paciente discorda totalmente OR discorda em quase tudo AND o que se segue está incerto, então a verdade é mediana
9	Se o paciente talvez concorde AND o que se segue está incerto, então a verdade é mediana
10	Se o paciente concorda totalmente AND o que se segue está incerto, então a verdade é mediana
11	Se o paciente está em dúvida AND o que se segue está incerto, então a verdade é mediana
12	Se o paciente discorda totalmente OR discorda em quase tudo AND o que se segue está incerto, então a verdade é fraca
13	Se o paciente concorda em quase tudo AND o que se segue confirma em quase tudo, então a verdade é forte
14	Se o paciente concorda em quase tudo AND o que se segue está incerto, então a verdade é mediana
15	Se o paciente concorda totalmente OR concorda em quase tudo AND o que se segue refuta totalmente OR refuta em quase tudo, então a verdade é fraca
16	Se o paciente está em dúvida OR o que se segue está incerto, então a verdade é mediana

Definidos (a) o Universo (antecedentes e consequente), (b) as funções de pertinência (para antecedentes e consequente), (c) o conjunto de regras de inferência Fuzzy, seguem nossas três simulações:

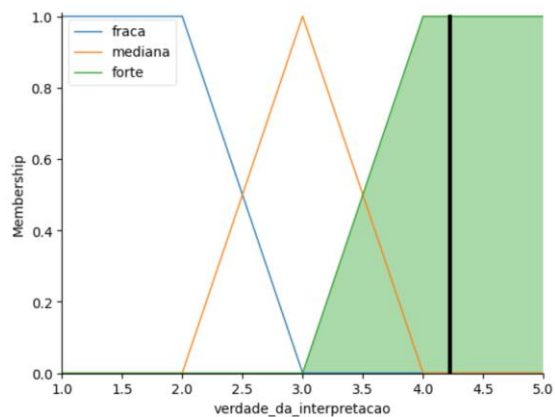
Simulação 1:

- reacao_do_paciente: 4 (o paciente afirma concordar em quase tudo com a interpretação)
- o_que_se_segue_a_interpretacao: 3 (as associações que se seguem são incertas quanto à interpretação)



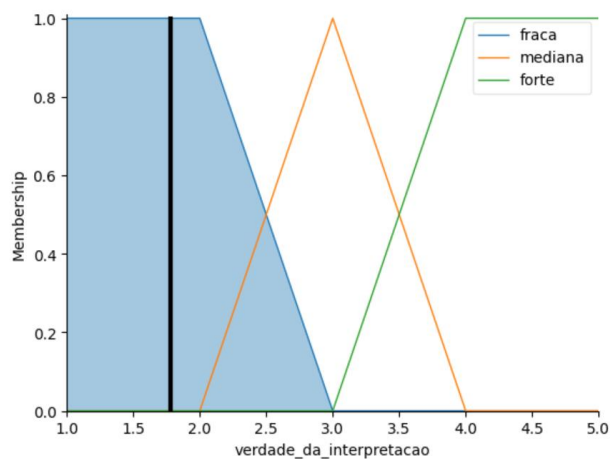
Simulação 2

- reacao_do_paciente: 2 (o paciente discorda em quase tudo da interpretação)
- o_que_se_segue_a_interpretacao: 5 (as associações que se seguem confirmam em quase tudo a interpretação)



Simulação 3

- reacao_do_paciente: 5 (o paciente concorda totalmente com a interpretação)
- o_que_se_segue_a_interpretacao: 1 (as associações que se seguem refutam totalmente a interpretação)



5. Resultados e Discussão

Com o objetivo de apresentar um modelo alternativo para avaliar a interpretação analítica, construímos um sistema *Fuzzy* que tem como característica principal avaliar em graus de pertinência determinada variável, diferentemente dos sistemas booleanos que avaliam as proposições apenas como verdadeiras ou falsas. As variáveis de entrada utilizadas no sistema *Fuzzy Freud* foram: a “reação do paciente” (à interpretação analítica, *i.é.*, qual é o nível de concordância do paciente em relação à interpretação) e “o que se segue à interpretação” (ou seja, em que nível as associações que ocorrem ao paciente após a interpretação a confirmam ou a refutam), que variam em uma escala de 1 a 5. Foram propostas dezesseis regras de inferência *Fuzzy* que avaliam as combinações entre estas duas variáveis e apresentam uma variável de saída. Os achados, advindos de 3 simulações, foram sugestivos de que é possível saber sobre o grau de verdade de uma interpretação utilizando a reação direta ou indireta do paciente como critério.

A Simulação 1 apresenta as seguintes variáveis de entrada: “concorda em quase tudo” para reação do paciente e “talvez concorde” para o que se segue à interpretação. Com essas variáveis de entrada, obtivemos como variável de saída a “verdade da interpretação mediana”, de conformidade com a 14ª regra de inferência do sistema *Fuzzy Freud*: “Se o paciente concorda em quase tudo AND o que se segue está incerto, então a verdade é mediana”. Essa simulação genérica poderia ser instanciada no seguinte exemplo hipotético: Durante uma sessão de análise, o analista sugere ao paciente X que as suas dificuldades interpessoais devem-se ao medo inconsciente de ser rejeitado, originado das experiências de desaprovação parental na infância. A essa interpretação, o X responde afirmando: “ - Isso faz muito sentido. Acho que pode realmente ser isso, embora eu nunca tivesse pensado dessa forma”. Entretanto, as associações seguintes produzidas pelo paciente não confirmam totalmente a interpretação: “ - Me lembro de uma situação em que o meu pai me criticou, mas isso não acontecia sempre. Muitas vezes ele me elogiava também”, acrescenta X em seguida. Nesse caso hipotético, podemos notar que há concordância significativa com a interpretação (4), mas as associações que emergem não reforçam nem refutam a ideia claramente (3). Em razão disso, a força da interpretação foi classificada pelo sistema como “mediana”.

Na Simulação 2, as variáveis de entrada são as seguintes: “discorda em quase tudo” para a reação do paciente e “concorda totalmente” para o que se segue à interpretação. Estas variáveis de entrada combinadas resultam na variável de saída: “verdade da interpretação forte”, segundo a 1ª regra de inferência do sistema: “Se o paciente discorda totalmente OR discorda em quase tudo AND o que se segue confirma em quase tudo OR confirma totalmente, então a verdade é forte”. A simulação 2 pode ser mais bem compreendida a partir de outro exemplo hipotético: O analista diz ao paciente Y que ele repete, nas suas relações interpessoais, a mesma dinâmica de abandono experimentada na relação com a mãe e o paciente reage de forma negativa: “ - Não acho que isso está certo. Minha mãe sempre foi presente, então não vejo como isso se aplica”, diz ele. Apesar disso, as associações que ocorrem espontaneamente ao paciente corroboram a hipótese do analista: “ - Agora que você mencionou isso, me lembro que, mesmo quando minha mãe estava em casa, ela estava sempre ocupada ou distraída com outras coisas. Acho que eu me sentia invisível. Engraçado como nunca pensei nisso antes...”, acrescenta em seguida. Neste caso, a discordância inicial do paciente (2) é contrabalanceada por associações subsequentes que reforçam a interpretação proposta e, em razão disso, a força da interpretação foi classificada pelo sistema como “forte”.

Por fim, na Simulação 3, as variáveis de entrada são: “concorda totalmente” para a reação do paciente e “discorda totalmente” para o que se segue à interpretação. Com estas variáveis de entrada, obtivemos a “verdade da interpretação fraca” como variável

de saída, pois foi utilizada a 15ª regra do *Fuzzy Freud*: “Se o paciente concorda totalmente OR concorda em quase tudo AND o que se segue refuta totalmente OR refuta em quase tudo, então a verdade é fraca”. A simulação 3 pode ser melhor assimilada adotando-se ainda outro exemplo hipotético: O analista interpreta que o comportamento de isolar-se socialmente do paciente Z como decorrente do complexo de inferioridade desenvolvido na adolescência em razão do bullying sofrido por ele na escola. O paciente concorda de forma enfática, dizendo: “ - Sim, é exatamente isso! Eu sempre tive essa sensação de ser inadequado, e acho que o bullying foi mesmo a causa disso”. Porém, as associações subsequentes contradizem essa interpretação: “ - Agora que você disse isso, me ocorre que não me incomoda tanto o modo como sinto que as pessoas me tratam. Tenho bons amigos que me respeitam e me tratam bem. Acho que o que está acontecendo é que recentemente tenho estado muito focado no trabalho e as situações sociais parecem atrapalhar meu desempenho”. Neste caso, há concordância inicial com a interpretação, mas as associações que se seguem rejeitam completamente a hipótese. Por esse motivo, o sistema classificou a força da interpretação como “fraca”.

As simulações apresentadas demonstram uma verossimilhança significativa com a abordagem freudiana da interpretação psicanalítica, conforme discutido em *Construções na Análise* (Freud, 1937-1939). Freud argumentava que, embora o “não” de um paciente não pudesse ser interpretado em sua totalidade, o consentimento também não deveria ser considerado plenamente válido sem confirmações indiretas. A concordância do paciente ganha relevância quando é corroborada por essas confirmações indiretas.

Para desenvolver nosso modelo Fuzzy, levamos em conta tanto a reação direta quanto a indireta do paciente como indicadores cruciais da precisão da interpretação. Alinhados com a visão de Freud, atribuímos maior peso ao “que se segue à interpretação” em comparação com a “reação do paciente”. O modelo alternativo proposto neste trabalho mostrou-se eficaz para medir o grau de pertinência de uma interpretação, utilizando as regras de inferência Fuzzy com base nesses critérios.

Conclusão

Ao longo deste trabalho, exploramos o ceticismo forte de Freud em relação à interpretação psicanalítica (*‘É impossível saber que a interpretação do analista é o caso mas é também impossível saber que ela não é o caso’*) e, mediante um argumento modal-epistêmico (MEI 1: *A interpretação analítica é o caso* & MEI 2: *A interpretação analítica não é o caso*), provamos a contradição subjacente ao ceticismo freudiano. Na tentativa de superar essa contradição, propusemos um modelo Fuzzy como substitutivo para avaliar a força da verdade da interpretação analítica. A revisão crítica deste conceito psicanalítico bem como a proposição de tal modelo substitutivo, representam o que acreditamos ser a nossa contribuição, neste momento, para o avanço do conhecimento psicanalítico.

Acreditamos que o presente trabalho tenha contribuído para o avanço do diálogo interdisciplinar entre a psicanálise e a lógica formal. Além disso, foi possível constatar que o modelo Fuzzy utilizado aqui permite captar nuances e gradações para as quais os sistemas booleanos são insensíveis.

As simulações realizadas permitiram avaliar o desempenho do modelo em cenários hipotéticos que combinavam diferentes tipos de reação dos pacientes a diferentes tipos de associações subsequentes (com maior peso para as últimas). Esse achado reforça a suspeita freudiana de que a concordância explícita de um paciente não fornece suficiente respaldo para avaliar a veracidade da interpretação. Ou seja, as reações imediatas dos pacientes devem sempre ser avaliadas à luz das associações posteriores. Por fim, tendo em vista que a principal limitação do presente estudo reside

na ausência de validação empírica, pesquisas com dados experimentais coletados se fazem oportunas no futuro.

Referências

BERTATO, Fábio Maia. Modal-epistemic arguments for the existence of God based on the possibility of the omniscience and/or refutation of the strong agnosticism. **Religious Studies**, p. 1-9, 2023.

GETTIER, Edmund L. Is justified true belief knowledge? **Analysis**, v. 23, n. 6, p. 121-123, 1963.

FREUD, Sigmund. Obras completas, volume 19. **Moisés e o Monoteísmo, Compêndio de Psicanálise e outros textos** (1937-1939). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

LACAN, Jacques. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

MARRO, Alessandro Assi et al. **Lógica fuzzy: conceitos e aplicações**. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), p. 2, 2010.

POPPER, Karl Raimund. **Conjecturas e refutações**. Tradução de Benedita Bittencourt. Coimbra: Almedina, 2006.

* * *